

As possibilidades entre as novelas e o ensino de história

JULIANA DE ALMEIDA FREITAS

Este trabalho é uma reflexão feita a partir da experiência proporcionada pelo estágio final da habilitação de licenciatura do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Este aconteceu no decorrer do ano de 2008 e foi realizado pelas acadêmicas Jessica Camargo, Juliana Freitas e Larissa Cerezer com a orientação em um primeiro momento das Prof.^{as} Dr.^{as} Cristiani Bereta e Luciana Rossato e posteriormente dos Prof.s Dr.s Edgar Garcia e Luciana Rossato com a supervisão do professor de História do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Esta experiência se desdobrou em um projeto de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. A pesquisa tem a proposta de perceber a novela *Sinhá Moça* (2006) como uma fonte para o ensino de história. Para isso as abordagens metodológicas que se fazem necessárias permeiam o campo teórico da análise de fonte. A partir dos 140 capítulos da novela, todos disponíveis na internet, em boa qualidade de imagem e som, a pesquisa visa analisar como o processo de abolição brasileiro foi mostrado na novela, dando enfoque para a forma como o negro é inserido neste processo. Nesse sentido, a novela foi assumida como uma didatização da história, feita sem propósito científico, visando principalmente o entretenimento.

Com base nas discussões, principalmente de Marcos Napolitano, sobre o uso da televisão como fonte, a produção *Sinhá Moça* é analisada de forma densa, procurando inseri-la na duração. Sobretudo, pela proximidade do centenário da Lei Áurea, assim como pelo crescimento do movimento negro brasileiro, que desde a década de 1970 ganha visibilidade. Observando o romance, o filme, a história em quadrinho e as duas versões da novela, pretendo averiguar permanências e rupturas entre as várias versões da obra *Sinhá Moça*, a fim de compreender se os discursos acerca do negro se alteram na obra assim como foram se alterando na sociedade brasileira.

Para inserir a novela na duração utilizo a obra de Joel Zito Araújo “A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira” (2000) e o documentário homônimo, também produzido por Araújo no ano de 2001. Onde busco perceber o contexto das

produções midiáticas sobre a questão das representações do negro e como elas refletem as transformações sociais referentes a cultura afro-brasileira e o mito da democracia racial.

A pesquisa se apóia também nos estudos de Canclini (1995) sobre o consumo e cidadania, para desmistificar o conceito de dominação dos meios de comunicação de massa em relação às culturas populares. Também Barbero (1997) persevera essa posição, ao afirmar que já não se trata de analisar os meios de comunicação como opressores, que impõe arbitrariamente uma massificação da cultura, sob forma de controle social; mas sim ponderar sobre como esse veículo midiático seduziu uma população, e paulatinamente, num processo social, integrou-se ao cotidiano.

Esta pesquisa foi iniciada no segundo semestre de 2011 e ainda está sendo construída. Com certeza a experiência do Estágio final do curso de graduação é um dos pilares principais para a elaboração do projeto assim como inspiração do mesmo.

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

O cronograma do estágio previa dois momentos, no primeiro semestre de 2008 faríamos a observação da turma do 1º ano A do Colégio de Aplicação da UFSC e elaborariamos um projeto conjunto de docência e pesquisa, o qual colocaríamos em práticas nos meses de Agosto e Setembro de 2008. Durante este processo refletimos muito em como chamar a atenção daqueles alunos para o ensino de história. Percebemos que por serem uma turma apática que não costumava se posicionar frente ao professor e ao conteúdo decidimos que deveríamos partir de alguma metodologia que enaltecasse os conhecimentos prévios que aqueles estudantes já possuíam, visando não apenas fazê-los falar em sala mas também aumentar a auto-estima do grupo, mostrando que eles, assim como os professores também são parte ativa no processo de ensino/aprendizagem.

Dentro desta perspectiva optamos pelas novas mídias como metodologia. Através de um questionário sócio econômico percebemos que a totalidade dos alunos tinham aparelho de televisão e DVD o que tornou nossa proposta viável. Além da questão do conhecimento prévio do aluno é importante, como professores, percebermos que nossos alunos apreendem conceitos fora da escola. Assumindo um discurso pós-

moderno a vida cotidiana também é currículo e muitas vezes este os ensina muitos mais que a escola, por esse motivo é nosso dever envolver este currículo, que por muito tempo foi marginal ao processo de ensino/aprendizagem, dentro da escola para que a mera apreensão de informação que infelizmente ainda acontece nas escolas se torne construção do conhecimento e significados.

No caso da História nós professores percebemos que os alunos são “seduzidos” por programas “históricos”, jogos “históricos”, filmes “históricos”, novelas “históricas”, etc., o tempo todo e acabam produzindo significados a partir deles e se nós professores não trouxermos esses elementos para dentro de nossas salas de aula e problematizá-los junto aos alunos muitos estereótipos continuarão a serem reproduzidos, muitas noções errôneas da nossa história continuarão a fazer parte do imaginário popular, além das confusões aos quais um aprendizado não mediado este sujeito.

Foi a partir desta problemática que decidimos trabalhar o recorte histórico dado pelo professor supervisor, segunda metade do século XIX, através, principalmente, das novelas.

Com o amplo recorte, da segunda metade do século XIX, decidimos imprimir um olhar sobre esses 50 anos, falaríamos da história do Brasil dando ênfase às relações de trabalho. Com este tema pensamos que as novelas de época da Rede Globo que freqüentemente tocavam em assuntos como a escravidão e a imigração seriam bons meios de iniciar um debate sobre este momento histórico. Desta forma determinamos os objetivos do nosso projeto: analisar as representações dos personagens das relações de trabalho da segunda metade do século XIX nas “novelas de época” da rede globo, além de perceber como se dá a influência da mídia na produção de conhecimento histórico.

Como forma de análise destas representações, utilizamos a linha de pesquisa Educação Histórica que estuda “os princípios e estratégias da aprendizagem em história (...) [fazendo] a análise de ideais que os sujeitos manifestam em e acerca da história, através de tarefas concretas.”(BARCA, 2001). Fizemos uso desta metodologia a fim de tentarmos perceber as representações sobre História, Televisão e sobre os temas específicos trabalhados em sala a partir de trabalhos e questões realizadas durante as aulas. Creditamos à metodologia da Educação Histórica a capacidade de relacionar a formação do conhecimento em História com as representações externas ao processo de

ensino/aprendizagem escolar, relação que pensamos ser fundamental a uma produção consciente de conhecimento e significados.

Nos programamos para que antes de iniciarmos as problematizações a partir das mídias escolhidas, trabalhássemos com os alunos o conceito de representação, para que eles pudessem perceber que na História não falamos de Verdade, falamos de múltiplas verdades, de representações.

Para as aulas selecionamos alguns trechos de três novelas da Rede Globo, de Benedito Ruy Barbosa como *Sinhá Moça* – exibida inicialmente em 1986, sendo reapresentada em 2006, trouxe como enredo a disputa entre monarquistas e republicanos do interior paulista um ano antes da promulgação da Lei Áurea (1888) –, *Cabocla* – exibida em 1959 pela TV Rio e em 1979 e 2004 pela TV Globo, apresenta como trama principal a briga política entre coronéis da fictícia cidadezinha capixaba de *Paudalho* e a entrada das idéias liberais através de um dos personagens que pretende alterar as relações sócio-econômicas da cidade, dominada pelos coronéis – e *Terra Nostra* – produzida e exibida entre 1999 e 2000, tratando do cenário do Brasil no final do século XIX e início do XX com a chegada dos imigrantes italianos nas fazendas de café do interior de São Paulo após a abolição da escravidão. Além das novelas foi trabalhado o documentário “Brasil Império” de Boris Fausto (TVE, 2002); “A Negação do Brasil” do diretor Joel Zito (2000); “Memórias Póstumas” filme de André Klotzel (2001); a mini série “Chiquinha Gonzaga” da Rede Globo (1999).

Na medida em que os conteúdos escolhidos iam sendo trabalhados nas aulas, elaborávamos atividades relacionando as narrativas. Como a intenção inicial era ajudar na formação crítica dos alunos e, portanto, problematizar aquilo que eles assistiam e muitas vezes não consideravam como um possível material para as aulas de história, tivemos o cuidado de, ao passar os trechos das novelas, elaborar questões para que eles pudessem olhar para aquelas cenas de um programa do cotidiano de forma crítica e minuciosa, dando atenção aos detalhes e a forma com que a história estava sendo representada.

Entretanto, encontramos vários contratempos principalmente com relação à aquisição dessas fontes, uma vez que tivemos que buscar alternativas para obter esse material e selecionar alguns trechos dessas novelas para os alunos. Outro problema desta metodologia é pela falta que a maioria das escolas tem de recursos multimídias

tais como locais para exibição de filmes, novelas, ou fazer outras dinâmicas fora da sala de aula e do quadro com giz. Porém, ainda encontramos certa resistência em pensar esses métodos de forma subjetiva e crítica, pois muito do que eles vêem na televisão lhes servem como entretenimento e apenas isso. Através dessa proposta, portanto, pudemos observar e refletir sobre essa dificuldade desses jovens e perceber o quanto ainda essas novas metodologias devem ser pensadas, utilizadas e discutidas em sala de aula.

De qualquer forma, acreditamos que enfrentar os desafios de trabalhar com novas linguagens metodológicas, trazer para a disciplina de história do ensino fundamental e médio a possibilidade de análise de outros documentos, sejam eles oficiais ou não, é muito enriquecedor para o aluno e para o professor, que estaria no papel de mediador das discussões visto que a produção e percepção dos materiais ficariam a cargo dos próprios alunos, desmistificando aquela idéia de que o uso de materiais como filmes, jornais, e até mesmo novelas, são trazidos para “matar a aula” ou apenas como um recurso de apoio didático- pedagógico para o professor. Devemos entender a televisão como um recurso a ser trabalhado em sala de aula, assim como as demais mídias citadas acima. De maneira alguma esses novos recursos devem ser utilizados para substituir conteúdos e/ou tornar o ensino de história mais moderno. É necessário incorporar as programações e essas atividades áudio visuais dentro de uma perspectiva sócio-histórica, problematizando-as como documentos, fontes de aprendizado para que possamos trabalhar sob um viés crítico dentro de um planejamento de atividades de análise levando em conta as questões sociais, culturais, mercadológicas e comunicacionais que poderão ser pensadas dentro desses veículos.

Para utilizarmos os vídeos em sala, escolhemos a metodologia de recortarmos pequenos trechos, falar sobre o contexto do vídeo, assisti-lo e então fazer uma reflexão em sala. Na primeira atividade foram selecionados trechos da novela “Cabocla”, mesmo esta novela se passando em um período posterior ao nosso recorte temporal optamos por utilizá-la, pois esta representa muito bem a discussão política entre Liberais e Conservadores durante o Brasil império.

Após embasarmos as discussões entre Partido Liberal e Partido Conservador, e explicarmos as diferenças entre o político do Partido Liberal e o sujeito que compartilhava idéias liberais, tentamos encontrar as características que os diferenciavam

em algumas cenas da novela. Após a exibição desses trechos, os alunos deveriam responder duas questões analisando como o conteúdo histórico, trabalhado nas aulas, podia ser visto nesses programas e se o uso dessas metodologias, como novelas, filmes e documentários ajudaria na compreensão e no estudo da História, analisando principalmente as representações e linguagens assumidas dentro da história fora do discurso de verdade, mas sim de versões.

As respostas foram interessantes, porém a maioria dos alunos não conseguiu relacionar as cenas com o conteúdo dado em aula, mas acreditavam que o uso dessas novas linguagens ajudaria na compreensão do assunto, pois, dessa forma, eles poderiam visualizar melhor os “fatos” na história. Apesar de a maioria ter feito esse tipo de observação, alguns alunos chamaram atenção para o fato de que muitas vezes nas novelas são criadas histórias complementares, para agradar o público, nesse caso, eles analisaram que a história é romanceada e, portanto, devemos ter cuidado ao utilizá-la como um documento. Estas são algumas das respostas dos alunos: “Sem dúvidas, assistindo você meio que vivencia a cena. E como somos bem ligados a televisão a atenção é maior e facilita o entendimento.”; “Sim, já que é uma maneira muito mais descontraída para se aprender algo. E também pelo fato de podermos ver, ter a imagem realmente de como era.”.

A partir das respostas deste primeiro exercício fomos percebendo que alguns pontos deveriam ser melhor trabalhados como por exemplo a noção de que a novela mostra a verdade. Passamos então a frisar em sala que deveríamos ter um olhar crítico sobre a mídia, e que ele não mostra a verdade e sim uma única representação de muitas possíveis.

No próximo vídeo decidimos então falar mais da questão da intenção da novela, qual mensagem ela quer transmitir. Utilizando algumas imagens da novela “Sinhá Moça”, discutimos a representação da escravidão não apenas naquela novela, mas na mídia, e no senso comum brasileiro. Levamos para a sala de aula informações de quando a novela foi feita, mostramos que os vídeos que eles estavam vendo em sala eram referentes a uma segunda versão da novela que já havia sido transmitida no ano de 1986. Aproveitamos a questão da reapresentação da novela para falarmos sobre as releituras da história, e que os discursos podem mudar de acordo com os interesses das pessoas.

Neste momento falamos sobre a discussão dentro do movimento negro feita a partir da comemoração do centenário da abolição comemorado no ano de 1988, e a partir daí realizamos vários debates. Falamos sobre a questão da resistência escrava, que foi reforçada a partir da década de 1980 e que trouxe uma outra visão da escravidão no Brasil. Trouxemos também o debate sobre a data do “dia da consciência negra” que é comemorado no dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, e não o dia da abolição 13 de maio, como a representação da resistência negra à escravidão.

Com estes debates trouxemos um documentário sobre a inserção do negro na teledramaturgia brasileira e a sua representação na mesma. “A negação do Brasil” é um filme riquíssimo, o qual recortamos algumas partes para mostrá-lo, escolhemos trechos que abordavam novelas de época, como “Escrava Isaura” e a primeira versão de “Sinhá Moça”, e partes de novelas mais atuais com tramas contemporâneas. Deste documentário surgiu um debate muito rico em sala, onde os alunos mostraram seus pontos de vista sobre a inclusão na sociedade brasileira. Neste momento da regência conseguimos um cruzamento das múltiplas temporalidades. Foi um momento muito gratificante do estágio, ver que os alunos produziram significados e defenderam seus pontos de vista com argumentações interessantes.

A última novela utilizada foi “Terra Nostra”, através dela tentamos trazer para os alunos além da discussão da vinda dos imigrantes para o Brasil, seus motivos, as condições que se deram essa vinda, trabalhamos a diferenciação dos discursos entre os afro-descendentes libertos e os imigrantes europeus. Em uma atividade, perguntamos aos alunos de que forma, como historiadores ou historiadoras, eles poderiam elaborar uma crítica às representações da vinda do imigrante europeu para o Brasil na novela Terra Nostra (de Benedito Rui Barbosa, exibida pela Rede Globo em setembro em 1999). Atentamos os alunos ao observarem no vídeo como a novela pretendia mostrar a figura do imigrante, de que forma ele aparecia na narrativa. Muitos alunos conseguiram observar que os vídeos mostravam a vinda do imigrante como algo normal, que o imigrante seria bem tratado no Brasil, que teria oportunidades aqui, que teria salário e moradia dignos, deixando de lado a difícil adaptação nas lavouras de café e até as más condições de vida a que eles eram submetidos. A história nas novelas seria mostrada de uma forma simplista, deixando de lado alguns fatos históricos que não prenderiam o público, uma vez que trabalharia com elementos fora da narrativa de romance. Podemos

pensar, por exemplo, em uma cena da novela Terra Nostra na qual mostra os italianos dentro do navio vindo para o Brasil. Nessa cena acontecem vários encontros, e um desses vai nortear a trama toda, que seria o encontro dos atores principais, interpretados por Thiago Lacerda como Matteo, Ana Paula Arósio como Giuliana. Se ao invés disso, essa cena alegre, sadia, romântica se transformasse em um navio sujo, insalubre, com várias pessoas sendo atiradas ao mar vítimas da peste bubônica, fugiria da idéia do romance e do entretenimento que a novela implica, uma vez que ela se apresenta como uma programação diária de classificação livre – exceto na novela das oito que normalmente apresenta alguma restrição de idade – ou seja, para todas as idades e públicos, já que trabalha o lúdico, os sonhos das pessoas que esperam um “final feliz” no último capítulo. Segundo Campedelli, a telenovela “deixou de ser história só para mulheres. É assunto do cotidiano e responsável, inclusive, por mudança de horários (ou sacralização deles)” (CAMPEDELLI, p. 16).

Neste momento pretendíamos cruzar esse período histórico com a questão da identidade brasileira e principalmente catarinense. Infelizmente como não tivemos muito tempo para trabalharmos esta questão com a devida atenção pois o estágio já estava no fim. Sabemos que a questão da identidade poderia ter muitos outros desdobramentos, porém teve de ser trabalhada de forma mais rápida. Muitas reflexões interessantes foram feitas em sala como por exemplo:

“Com a vinda dos imigrantes no final do séc. XIX, o estado de Santa Catarina, atualmente esta muito misto. Temos descendentes de todos os lugares, e isso afeta e muito nossa identidade. Refletindo sobre isso, cria-se uma pergunta: na diversidade existe identidade? Bem essa pergunta abrange muitas respostas... tecnicamente, não temos algo que lembre quem somos, bem, tem sim, mas ninguém pensa em ‘boi de mamão’ só pensa em Santa Catarina, pelo menos não como lembram de chimarrão, ao pensar no Rio Grande do Sul. Mas podemos lembrar da diversidade de etnias ao pensar em Santa Catarina”.¹

Após trabalhar estes fragmentos de novelas e o documentário, decidimos trazer para os alunos uma outra mídia, a literatura de Machado de Assis. Através do palestrante José Miguel dos Anjos, professor de literatura que trabalha a literatura machadiana no ensino médio, abordamos em sala a representação da história através dos escritos de Machado, mostrando que literatura também é uma fonte histórica a ser analisada. A palestra foi muito interessante, os alunos se mostraram surpresos e entusiasmados ao conhecer a literatura do séc. XIX. Aproveitando o filme “Memórias

Póstumas”, uma adaptação para o cinema da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis, fizemos alguns recortes no filme e assistimos com a turma após a palestra.

Este foi o fechamento do nosso Estágio, e para finalizar a questão da utilização na mídia em sala, fizemos um pequeno questionário sobre, narrativa, mídia e a televisão como uma fonte histórica, e percebemos que os alunos, após dois meses trabalhando com a mídia no espaço escolar, já ficaram mais atentos as questões da representação e da verdade histórica, quando questionamos os alunos sobre a utilização da televisão como um documento histórico, se isso era possível e quais os cuidados que devemos ter frente às diversas representações que esta pode assumir, responderam: “sim, a televisão pode ser utilizada, mas tem que ter cuidado com o que vai ser passado nela. Os conteúdos tem que ser bem escolhidos”; “sim, podemos. Mas devemos levar em conta, de forma crítica, que é uma história de TV, então envolve uma história de romance que é passada a representação que o canal quer passar e coisa e tal”. Alguns alunos apresentaram opiniões bem interessantes com muitas particularidades. Um deles, por exemplo, escreveu que “sim, mas devemos ter muito cuidado, pois por mais que a televisão esteja retratando um fato ocorrido, como uma guerra, por exemplo, ela pode tomar rumos ou lados diferentes, podendo confundir a cabeça do telespectador”. Outro aluno expôs o seguinte: “sim e não, pois ela retrata a história, mas do seu ponto de vista, trazendo para atualidade, ignorando pontos históricos. Assim não mostrando a realidade, mas é uma boa forma de se criticar um tema, argumentar, questionar, visualizar, e outras coisas”. Tiveram várias respostas muito interessantes que apontavam para a intenção das novelas em chamar atenção do telespectador, que essa metodologia, mesmo que com suas ressalvas, ajuda na compreensão das aulas, na representação do cotidiano de época. Mas também houve quem reproduzisse alguns estereótipos, colocando a novela como não sendo uma fonte completamente confiável por não mostrar “o que realmente aconteceu”, ao contrário da história. Assim, podemos notar o quanto que pode ser complicado e confuso para o aluno trabalhar com a subjetividade da história, pois por muito tempo ela foi vista como uma ciência que estaria comprometida a escrever os fatos como eles realmente aconteceram, por isso, inclusive dos usos de documentos escritos oficiais como única fonte de pesquisa do passado. Hoje a relação do historiador com o seu tempo e o uso de outras fontes permitiu um diálogo

mais amplo e diversificado dentro da escrita da história. Porém, podemos entender a verdade como uma coisa a ser buscada, que vai nortear as pesquisas históricas, mas sem a pretensão de alcançá-la, visto que podemos trabalhar com várias escritas da história, vários olhares acerca dos fatos e momentos históricos.

Ao trabalhar com a mídia em sala, principalmente no caso do ensino de História, percebermos que despertamos o interesse dos alunos, não apenas por que a primeira vista parece recreação, mas porque dá voz ativa ao aluno. Este perde o medo de perguntar, expõe seus pontos de vista, pois se sente familiarizado com a mídia. Acreditamos que este é um dos motivos principais pelo qual devemos utilizar a mídia, para dinamizar o processo de construção de conhecimento, fazendo com que tanto aluno como professor tenham voz autorizada em sala para, criar debates e reflexões.

Ao finalizar o relato de sua experiência, Rovai, escreve:

“(...) o ensino de história deve continuar tentando ‘abraçar’ o tempo brevíssimo do vivido, deve desafiar as varias temporalidades. A mídia, que traz informações tão importantes e pela qual o mundo é lido pelas pessoas que passam pelas ruas, que observam a guerra do outro lado do mundo, ao mesmo tempo que escutam uma música, não pode deixar de ser considerada pelo professor que tenta construir com seus alunos um ‘olhar’ mais reflexivo sobre a História e o vivido...”(1995, pg. 87)

Concordamos com Rovai, quando esta diz que não podemos deixar de considerar a mídia no ensino. A sociedade contemporânea é regida pela velocidade de informações e pelo crescimento tecnológico cada vez maior, como educadores não podemos deixar de lado este traço da sociedade.

Não é fácil a tarefa de ser professor. Para cada aula dada, muitas possíveis são pensadas, idéias são abandonadas, outras lapidadas, discutidas ponto a ponto, até chegar ao que pensamos ser o melhor para os alunos. Às vezes é. Você acerta e tem como recompensa aquele brilho nos olhos, o brilho da curiosidade aguçada. Outras, nem tanto. E aqueles quarenta e cinco minutos se arrastam por horas. São os altos e baixos do cotidiano escolar.

Foram três semestres envolvidos na experiência do estágio no curso de História da UDESC. Essa experiência foi bastante proveitosa, tanto na esfera pessoal como profissional. Desenvolver a nossa habilidade nas relações humanas, em tarefas como exercitar a docência em grupo – entre as estagiárias, se situar numa hierarquia intermediária perante os alunos – nem professor, nem aluno. Enfim, foram muitos os

momentos desafiadores, para cujos quais não havia dicas nos manuais. Profissionalmente, além de termos trabalhado a habilidade de fazer a transposição didática, saímos dessa experiência mais seguros para propor a experimentação em outras salas de aula.

Sabemos que projetos são propostas de trabalho, sujeitas a alterações ao longo do caminho. Com o nosso Projeto não foi diferente. A princípio, nosso objetivo era compor uma longa história, contendo todos os conteúdos propostos, que seria contada aula a aula. No momento de pôr essa idéia em prática, porém, as dificuldades apareceram. Optamos, dessa forma, por não trabalhar o estágio de forma tão contínua, mas de forma mais fragmentada, sem abandonar, porém, o recurso da narrativa. Logo nas primeiras aulas, já tínhamos em mente esse rearranjo do projeto. Outras mudanças surgiram, especialmente no que tange as avaliações que estavam planejadas. A partir da resposta das primeiras atividades, preferimos sugerir mais trabalhos individuais em vez de atividades em grupo.

Por fim, a experiência foi bastante recompensadora e deu subsídios para trabalhos de temáticas variadas. Estes trabalhos foram frutos de reflexões paralelas sobre a mesma prática, reflexões individuais sobre todo o processo da disciplina Estágio com Docência, que culminou em dois meses de regência, onde tentamos por em prática os debates e discussões de três semestres.

ⁱ Reflexão feita em sala por um aluno em uma avaliação onde deveria ser abordado, entre outros temas, a construção da identidade do Estado de Santa Catarina depois da vinda do imigrante.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008.

BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. In: **História**. Revista da Faculdade de Letras. Porto, Portugal, Nº. 2, 2001. Pg. 13-21

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BUSETTO, Áureo. **Ensino sobre a TV**: preâmbulo de uma pesquisa. Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/Ensino%20sobre%20a%20tv.pdf>. Acessado em: 20 out. 2008.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **A Telenovela**. São Paulo: Ática, 1987.
FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História. Campinas/SP: Papirus, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.

GERALDO, Jéssica Camargo; FREITAS, Juliana de Almeida; CEREZER, Larissa; Universidade do Estado de Santa Catarina. **Educação histórica em novela**: representações da Segunda Metade do Século XIX na televisão brasileira. 2008. 153 p.

KORNIS, Mônica Almeida. A representação da história na televisão: rompendo os limites entre presente, passado e futuro. **Revista de Estudos Históricos**. Mídia, n. 31, 2003/1. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/381.pdf>. Acessado em: 20 out. 2008.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 235-289.

_____. A televisão como documento. In.: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 149 – 162.

_____. **Como usar a televisão na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

NIKITIUK, Sônia M. Leite (org.). **Repensando o ensino de história**. São Paulo: Cortez, 1996.